

Mulheres habitando a estrada: etnografando formas de permanecer e se deslocar nas rotas da América do Sul¹

Ester Paixão Corrêa

Doutoranda em Antropologia Social, PPGAS-UFRN

Resumo

Este trabalho segue a trilha do tema dos deslocamentos e mobilidades das mulheres viajantes de mochila na América do Sul. Nesses movimentos, cruzamentos de rotas e de fronteiras, as mulheres ocupam distintas posições em termos sociológicos, o que pluraliza os sentidos da viagem. O objetivo deste trabalho é atravessar as experiências de movimentos e de permanências de mulheres viajantes latino-americanas. Caracteriza-se como uma etnografia viajante que adotou o deslocamento como estratégia principal de observação e de promoção de encontros no sentido de obter narrativas das experiências durante os trajetos. O movimento complexo entre meios de transporte e meios pousar produz significado espaço-temporal que faz das experiências das viajantes uma elemento para refletir sobre os sentidos dos movimentos fronteiriços e a cultura produzida a partir das viagens das mulheres.

Palavras-chaves: Mulheres viajantes; mochila; deslocamentos; América do Sul.

Introdução

*Es mujer frontera, es horizonte
Es una autopista que separa sur y norte
Es un trabalenguas en tu boca
Es dos hemisferios es lugar de maniobra*

Mujer frontera - Clara Peya

Habitar a estrada é (re)inventar mundos. Os deslocamentos por entre as fronteiras e estradas latino-americanas tem sido parte de uma invenção cultural com distintos sentidos, formas e movimentos. Este artigo pretende dar conta, por uma perspectiva fronteiriça feminina e feminista, de permear as singularidades e pluralidades

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

dos deslocamentos e tem como objetivo atravessar as experiências de movimentos e de permanências de mulheres viajantes sul-americanas, destacando as estratégias e agências que impulsionam as viagens de mochila, registrando as práticas e os significados das experiências de trânsito e pouso.

O artigo é parte de uma pesquisa etnográfica que está se construindo metodologicamente, no âmbito do curso de doutorado, por meio de incursões a campo nas estradas de diferentes países sul americanos, nos anos de 2019 e 2022 – assim como incursões virtuais no Instagram. Caracteriza-se como uma etnografia multilocal (Hannerz 2003; Marcus 1995) e viajante que adotou o deslocamento como método principal de observação e de promoção de encontros no sentido de obter narrativas de experiências sobre e durante os trajetos. Assim, os fragmentos etnográficos aqui apresentados resultam dos encontros com diferentes mulheres viajantes com quem encontrei na estrada.

Algumas perguntas direcionaram este trabalho: Como as mulheres se movimentam? Que meio de transporte utilizam? Onde as mulheres se hospedam? Como aparecem as construções de gênero nas formas de se deslocar e permanecer? Os achados da pesquisa dão conta de que, as práticas e as formas de mobilidades que envolvem a experiência de se movimentar entre histórias-lugares das interlocutoras da pesquisa, são trajetos combinados e os lugares de trânsito são diversos.

O campo teórico deste trabalho é marcado pelos debates contemporâneos sobre a noção de espaço e de lugar e como as relações de gênero se inscrevem nestes, considerando que as experiências das mulheres no espaço são diferentes da experiência dos homens. Dentre os vários aspectos que revelam sobre as formas de deslocamentos e permanências das mulheres viajantes, é possível destacar que a experiência espacial, o ato de chegar e sair de um lugar são feito por meio de uma conexão com as histórias das quais o lugar é feito (Massey 2008; 1994).

Fazendo um recorte regional, busco pensar as rotas de viagens pela América do Sul, a partir da ideia de Matos (2020) que parte do pressuposto que houve uma formação das rotas de viajantes em busca pela vivência de novas experiências, uma “cultura da mobilidade” que é mediada por um processo de comunicação entre os viajantes nos países da *Latinoamérica*. Martín-Cabello (2014) sugere que há uma ideologia particular entre esses viajantes.

Na América do Sul diversos grupos de viajantes se formam em consonância com as particularidades da região. Existe uma produção do conhecimento que permite encontrarmos etnografias que tratam das viagens “independentes” (Silva 2015), da viagem como forma de vida e dos *locos* ou malucos de estrada (Aldana 2018; Oyhantçabal 2018). Algumas categorias de viajantes, como artesãos/os, malabaristas (Juliana Silva 2015) e outros com habilidades específicas, fazem parte da “cultura da BR”, viajantes que se mantêm na estrada por meio de trabalhos artesanais e artísticos, que apesar de ser um grupo heterogêneo, partilham de aspectos de um mesmo repertório cultural (Matos 2020), estendido pela América do Sul como uma “cultura da estrada”. Existe uma complexidade em ser viajante pelas rotas da *suramérica*, como mostrou Aldana (2018) sobre as especificidades das viagens no continente.

Existem fatores que influenciam na escolha da viagem pela região, como as relações econômicas entre os países, que são mais próximas em relação ao câmbio internacional, os custos dos transportes, é um dos fatores que influencia na construção dos itinerários. Há rotas de avião entre diversas cidades de todos os países da região, e uma malha rodoviária que conecta diferentes países, por exemplo, viajar de ônibus no Peru e na Bolívia é considerado barato. Há uma logística que permite deslocar-se facilmente de ônibus entre vários países, além da atuação de diversos tipos de transportes “alternativos”, legais e ilegais, que circulam entre cidades, regiões e países.

As diversas formas de transitar se dá em condições específicas, a partir da nossa formação sociocultural. Assim, as viajantes utilizam diferentes formas de se deslocar entre os lugares e também de se hospedar. Os meios de transportes utilizados nas rotas entre os países são os mais diversos possíveis: é possível ir de São Paulo a Lima de ônibus. A *ruta panamericana* cruza vários países, ultrapassa diversas regiões, paisagens, climas, na América do Sul. Por essa *ruta* se interseccionam diversas outras estradas, rodovias e ferrovias, que são os espaços por onde trafegam caminhões, ônibus, taxis, vans, *motorhome*, *kombihome*, bicicletas, trens, barcos, e outras formas que as viajantes utilizam.

Mocós, alojamientos, hostel e outros espaços

Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, 23 de outubro de 2019

Cheguei ao alojamento peguei um quarto com cama de casal, tinha um ventilador, me deram roupas de cama na entrada e o controle da televisão. Fui imediatamente procurar por Gabi no quarto que havia me informado. Na habitación, uma cama de solteiro e um ventilador que mal funcionava, pelo chão havia mochilas e bolsas, que guardavam algumas chaves e outros instrumentos de malabares, uma filhote de gata que ela havia adotado na cidade e alguns mostruários de trabalhos em macramê. Em seguida conheci sua companheira de viagem que estava no quarto ao lado, Rosa. Conversamos descontraidamente como se fôssemos velhas conhecidas, elas aproveitaram para relatar algumas experiências vividas na Bolívia. Atualmente elas viajam juntas fazendo arte de rua. Agora as ruas e praças estavam vazias por conta do paro cívico, isso era um problema. (Relato de Campo, 2019)

O *alojamiento* era uma espécie de hotel precário com administração familiar, na entrada da recepção havia integrado um pequeno mercado, onde era possível comprar miudezas como água, cerveja, cigarro etc. Por dentro, havia um grande estacionamento, banheiros e as escadas para os dois andares superiores. Devo dizer que não era o padrão que eu havia pensado para a viagem, de alguma forma o lugar era desagradável, exceto pela companhia de Gabi e Rosa, e o grupo de músicos de rua argentinos. Apesar de ter anotado alguns endereços de *hostel*, fiquei no alojamento na companhia das minhas novas companheiras de viagem. O fato de estar localizado próximo a rodoviária influenciava, pois era possível obter serviços e informações sobre deslocamentos – toda a cidade estava paralisada por conta de um *paro cívico*. Estar próxima do Terminal Bimodal permitia acesso rápido a informação sobre como sair da cidade.

Mesmo com o clima de tensão, circulei pelas ruas vazias e pelas manifestações nas praças e parques de Santa Cruz de la Sierra junto com minhas interlocutoras.

Deixei-me levar pelos passeios e *mangueios*² que compuseram as experiências de caminhar pelas ruas da cidade com duas mulheres artistas de ruas em meio ao *paro* boliviano. Nesse movimento de transitar junto, acompanhar o trabalho na rua era um espaço importante. As condições de trabalho não eram ideais. Devo contextualizar que, a arte de rua e o *mangueio* dependem do fluxo nas ruas, com a situação política na cidade, tudo estava fechado, as ruas não tinham movimento, isso impossibilitava o trabalho e por tanto, minhas companheiras se encontravam em uma situação delicada. Uma das preocupações principais era conseguir dinheiro para pagar o alojamento, uma vez que a outra opção era dormir de “*mocó*”. O “*mocó*” é um lugar escolhido pelo grupo de artistas de rua para dormir durante a noite, pode ser um parque, na rua, um lugar estratégico em torno do qual o grupo pode se unir. Costuma ser um espaço coletivo que abriga viajantes como músicos, malabaristas e artesãos/os. Nesse caso, o *mocó* era no Parque Urbano de Santa Cruz de La Sierra.

Para as viajantes *callejeras*, o mangueio é uma forma de trabalho acionado como como estratégia de manter-se na estrada, sendo que o sucesso ou não de um *mangueio* em um lugar determina a permanência ou a partida. Assim, para esse grupo a rua, o parque, o semáforo tornam-se espaços produtores de significado, pois são nestes que o *mangueio* acontece, mas também é o palco aberto onde a artista de rua pode apresentar o seu trabalho ao público transeunte.

Esse estilo de viagem constitui espaços propícios para trocas e aprendizados. Quando Rosa saiu de Campinas ela não sabia fazer nenhum tipo de trabalho, aprendeu na estrada mesmo. É um tipo de construção de subjetividade que circula por entre os aprendizados nas ruas, nos alojamentos, no semáforo. Com a dinâmica das ruas de cidade de Santa Cruz não estava propícia para o trabalho isso causou grandes transtornos a Gabi e Rosa. O último dia na companhia “*das meninas*” foi triste, pois presenciei as duas amigas saindo do alojamento por não terem conseguido dinheiro suficiente para pagar a hospedagem.

Com as ruas vazias, conseqüentemente não conseguiam trabalhar. Por isso, foram dormir de “*mocó*” no parque com os outros “malucos”. Essa sensação se aproximou do que Ruth Behar chamou de “Antropologia que parte o coração”, quando não podemos amparar nossas interlocutoras, isso partia meu coração afinal criamos

² Manguear é uma atividade de rua, na qual determinados sujeitos buscam estabelecer uma relação mediante a venda de algum produto/artesania ou buscam obter doação de algum valor monetário. Essa prática circula em torno do convencimento do outro.

laços afetivos nestes dias que compartilhamos tantos eventos e tantos “*nervosos*”, muitos dos quais foram dolorosos naquela circunstância, mas que também produziram memórias e afetos.

As mulheres artesãs ou “malucas”, as malabaristas e outras *callejeras*, sofrem com o machismo e medo da violência por estarem mais expostas às dinâmicas das ruas, isso explica que a grande maioria viaja com um companheiro e sob as regras do grupo, mas nem todas se enquadram nas regras. Existem cada vez mais mulheres questionando e reivindicando novas regras de conduta que não sejam baseados em valores morais que desvalorizam a autonomia vestir-se e comportar-se desse grupo de mulheres, abrindo espaço para “pedras” organizadas por artesãs³, por exemplo, ou ainda para um afastamento de uma identidade fixa.



Imagem 1: Localização de um hostel em Salta, Argentina. Fonte: Google StreetView.

Construído no primeiro andar de um casarão antigo de arquitetura colonial, em frente a uma bonita praça na área central de Salta, Noroeste da Argentina, o hostel tem uma sacada de onde é possível olhar a praça, a rua e os arredores, e de onde se pode perceber que está localizado em uma área comercial. Há quitandas, conveniências, lojas de roupas, lanchonetes, na arborizada *calle*. Está localizado a poucos quarteirões do coração da cidade, que é a Plaza 9 de Julio, onde fica a Catedral, cafés, restaurantes, teatro, museu, lojas, e toda a pulsação turística. É possível, também, ver ao fundo, mais para o lado direito, o Cerro San Bernardo, o qual se pode subir de escadas ou de teleférico. Fiquei em um pequeno quarto *compartido* com quatro camas, sendo um beliche. Ocupei, na primeira noite, a parte de cima do beliche, o que é uma experiência

³ Na cidade de Recife, as “malucas” criaram a “pedra do shortinho”. Um espaço organizado fora das regras de vestimenta dos “malucos” que diz que a mulher deve usar saia longa para “colar na pedra”.

ruim. Havia outros habitantes no quarto, que era misto: um argentino de Mendoza que estava ali participando de um congresso e um casal de ascendência asiática, que não perguntei sobre a nacionalidade. Foram embora no dia seguinte, então, não tive tempo para saber de onde eram. A dinâmica do hostel era intensa, o que faz Salta parecer uma cidade de passagem. O hostel parecia ter grande rotatividade. Tinha uma cozinha bem equipada, apesar de pequena, outra está sendo construída. Além disso, tem dois ou três quartos coletivos, com quatro camas cada um. Um banheiro com louças antigas, uma escada que dava para o terraço, onde o dono estava começando a organizar um espaço aconchegante. E onde me convidou para conhecer certo dia. Tinha livros e guias, entre os quais o dono do espaço me mostrou uma coleção sobre o Museu Arqueológico de Salta, enquanto me dava dicas de turismo.

O hostel tinha uma sala, com uma mesa antiga, que estava próximo à varanda e, também, do quarto do dono, que era *peluquero*. Sua *peluqueira* ficava na parte de baixo do prédio. Havia reservado o hostel Ruhma pela internet, por um dos aplicativos de hospedagem. Havia pesquisado em um site de buscas “hotéis baratos”, encontrei imediatamente esse que era bem localizado e custava cerca de R\$ 22 a diária. Era a primeira vez que reservava hospedagem, o principal motivo era o fato de que chegaria sozinha à noite na cidade. Era segunda-feira à noite, eu já estava no quarto quando o dono do hostel me chamou para a área comum, que era uma sala decorada com móveis e objetos antigos, onde estava tomando um vinho com uma mulher. Ele me apresentou para ela como pesquisadora. Era uma mochileira argentina que estava de viagem sem tempo determinado pelo país. Compartilhamos histórias descontraidamente, experiências de vida e de viagem em uma boa conversa.

Diferente do tipo de alojamento experimentando em Santa Cruz de la Sierra, os *hostel* têm se tornado espaço cada vez mais dinâmico. Uma das características desse tipo de hospedagem são os quartos coletivos, em geral abrigam entre quatro e doze pessoas em um mesmo quarto. O preço costuma variar de acordo com o número de camas, a localização e a quantidade de equipamentos que costumam oferecer para os hóspedes, alguns possuem atrativos cosmopolitas com um apelo visual com pinturas, grafites, jogos, para estabelecer-se como um ambiente “descolado”. A recente sofisticação do conceito de hostel tem causado a diminuição das diferenças entre a experiência num hostel ou hotel, às vezes os dois funcionam no mesmo lugar, ou seja, um estabelecimento com dupla função, como aconteceu em um hostel que consultei em Foz do Iguaçu.



Figura 02 – Ambiente externo de um Hostel em Cuzco. Fonte: Ester Corrêa

Utilizei deste meio de meio de hospedagem por diversas ocasiões, assim como Liz e Juana, com quem compartilhei da mesma experiência de hospedagem em países diferentes. Além destas, as irmãs Nanda e Flora também utilizaram na Colômbia e Equador durante o mochilão que realizaram. Além desses meios de hospedagem existem as hospedagens solidárias, que eram proporcionadas principalmente pela *couchsurfing*, que recentemente deixou de ser uma plataforma gratuita. Os campings são espaços onde é possível armar uma barraca ou alugar um quarto, sendo em espaços privados – algumas exceções em espaços públicos.

Existem também as casas *Okupa*, que são ocupações existentes em diferentes lugares da América do Sul, principalmente nas grandes cidades. Por ai passam muitos viajantes artistas de rua. Uma das mais conhecidas é o Ouvidor 63, em São Paulo, onde a argentina Carol ficou por tempo, além desse também contou-me que também ficou um tempo em uma casa-okupa em Santiago no Chile. Gabi também tem várias passagens pela ocupação Ouvidor 63.

O camping e o *hostel* são espaços com significados diferentes para as mulheres viajantes. Acampar, para Liz, era colocado como um ato inseguro para uma mulher, por

isso, uma das características de sua viagem era a busca por hospedar-se em lugar considerado seguro, como um hostel. Nesse sentido, os locais de hospedagem são escolhidos a partir da noção de segurança, sendo o hostel, por exemplo, capaz de oferecê-la.

as hospedarias não são apenas locais de breve passagem, mas também zona de estada distendida, operando-se da convergência de trajetos passadiços compostos de variados materiais e ritmos. Nesse emaranhado relacional, as hospedarias podem ser vistas como um ponto nodal, que atrai e põe em contato elementos advindos de variados contextos, com abertura e atrito suficiente para a criação de usos e sentidos. (Matos, 2020, p. 43)

Todas as interlocutoras se hospedaram na casa de residentes locais em diferentes ocasiões, frequência e durabilidade. Inclusive eu. Esse tipo de contato é construído por meio de uma rede, mediados pelo acaso ou ainda por plataformas de hospedagem solidária. No Brasil, por exemplo, no Brasil, existe uma rede colaborativa entre mulheres, como a criação de grupos no *Facebook* para troca de hospedagem entre mulheres viajantes como o grupo “*Couchsurfing* das minas e trans”, que agrega viajantes do Brasil e de outros países da América do Sul. As redes colaborativas de hospedagem feminina é um tema que tem crescido no mundo das viagens. Recentemente a brasileira Jussara Botelho recebeu um prêmio da Organização Mundial do Turismo pelo desenvolvimento da plataforma Sisterwave, uma rede que apoia mulheres que viajam sozinhas, mesmo sendo uma plataforma paga, há um impacto social na viagem das mulheres.

Por tanto, esses lugares estão dotados de significados, os encontros entre sujeitos diversos que se friccionam, intercambiam, as rotas que se cruzam, produzem sentidos. Os lugares de paradas como camping, hostel, hospedaria, alojamentos, casas de residentes, em todos podem proporcionar diferentes experiências e contatos, um local de reinvenção e aprendizado a partir da conexão entre as realidades locais e globais.

Tudo que se move: Caronas, ônibus e outras caminhadas

Enquanto caminhávamos pelas ruas desertas da cidade revoltosa de Santa Cruz de la Sierra, em outubro de 2019, as brasileiras Gabi e Rosa, duas artistas de ruas, me contavam sobre suas experiências na viagem que haviam embarcado fazia algumas semanas. As duas amigas estavam viajando de carona desde o estado de São Paulo, no Brasil, cruzaram o pantanal rumo à Bolívia em caminhões e em todo tipo de transporte

que atendessem ao pedido de carona. Nesse trajeto, pararam em postos de combustíveis, cruzamentos, além de outros espaços que são facilitadores da prática de carona. Nunca pagaram um ônibus, diziam.

Durante esses deslocamentos, Gabi e Rosa cruzaram o Pantanal apreciando a paisagem pela janela (ou carroceria) de um caminhão, fizeram quase todo o trajeto assim. Estavam em grupo, junto com elas havia outros dois homens, era uma viagem com um sentido mais coletivo inicialmente. Esse tipo de viagem em grupo é comum entre os grupos de artesãos e artistas de rua. Na volta, foram obrigadas a caminhar por um longo trecho uma vez que não havia transporte para sair da Bolívia.

Nessa geração de jovens mulheres latino-americanas que experimentam viajar sozinhas como um projeto construído, muitas fazem grande parte do seu trajeto pela região de carona. Na construção desses trajetos, pegar carona entre os países é uma experiência marcada pelas especificidades de ser um corpo feminino que circula sem a “proteção” masculina. A prática da carona não é rara entre *viajeras* latino-americanas, mas também não é um processo fácil. Para essa prática é necessário,

o engajamento corporal [que] se insere desde a disponibilidade a uma relação de alteridade, numa real intenção de relacionar-se com o condutor, tomando a dianteira na comunicação com motoristas em postos de gasolina, restaurantes, aduanas ou outros locais de interseção em rodovias, até a performance à beira da estrada (Matos 2020, p. 101)

As mulheres que praticam a viagem de carona desenvolvem agências e estratégias que intenciona especialmente se livrar dos eventos de assédio sexual. Apelar para o imaginário social sobre a mulher-mãe, mentir sobre o estado civil ou sobre a existência de um marido ou namorado – esse “outro” masculino que mesmo inexistente pode interferir em um episódio de assédio. Dentre outras estratégias, como esconder o corpo baixo a roupas grandes e largas ou para parecer uma mulher grávida ou para não “parecer *sexy*” é também uma forma de proteção. Esse mundo que perpetua as violências de gênero ensina a defender-se. Sair dessas situações é possível por meio de estratégias que as viajantes utilizam e que são repassadas também nesse aprendizado da estrada.

Lanna, uma jornalista paulista, que empreendeu uma viagem de seis meses pela América Latina em 2016, havia feito três promessas para sua mãe, uma delas é que não pegaria carona. Quebrou todas as promessas no primeiro dia de viagem. Saiu de São Paulo em um ônibus com destino ao Chuí, fronteira entre Uruguai e Brasil. Antes de

embarcar, entrou no banheiro e pensou em raspar o cabelo, queria “eliminar” ao máximo os traços de feminilidade, era uma desconstrução da feminilidade como forma de proteção na estrada, de não chamar a atenção para si. Na ocasião, ela não raspou o cabelo, sentiu que deveria fazer isso por si, não apenas pelo medo que sentia.

Existe uma espécie de “ritual de passagem” que muitas mulheres enfrentam antes de viajar sozinha de carona. Algumas delas podem cortar o cabelo curto, deixar os pelos das axilas crescerem, usar roupas folgadas. A vaidade, atribuída como uma característica feminina é “contra-utilizada”, assim usar roupas que não marquem o corpo ou ter pelo na axila são formas de “espantar machistas”. As percepções sobre o corpo são acionadas a todo instante, pois o uso do corpo é constante, este comunica de forma imediata, por isso as técnicas corporais, como disse Marcel Mauss, e as *performances* são desenvolvidas e acionadas de acordo com o contexto para fugir de um potencial situação de perigo.

A carona pode ser caracterizada por diferentes camadas; por um lado é parte do desafio de viajar em países onde há altos índices de violência de gênero, uma vez que exige a utilização de estratégias específicas no sentido de encarar esse desafio, fugir do machismo, justamente por vivenciar as situações de violências de gênero na vida cotidiana das cidades sul americanas. Por outro lado, ser mulher viajando e pedindo carona abre um campo maior de possibilidade de obter sucesso. Em alguns casos, como o de Lanna, conseguiu pegar carona com diferentes pessoas no Uruguai, inclusive famílias que paravam para oferecer carona. Há certa sensibilidade em relação a uma mulher pedindo carona. Além disso, a experiência de pegar carona é uma possibilidade de aprendizado por meio do contato cultural que se estabelece.

A viagem de carona é uma possibilidade de deslocar-se a partir da criação de laços de solidariedade, isso significa uma economia de dinheiro e também proporciona um contato cultural diferenciado com a paisagem e as pessoas. É um meio de viagem de baixo custo, mas que também possui outros sentidos culturais, relacionado a construção social do perigo em torno do corpo feminino.

Gabi contou que além da carona como prática de viagem, também utilizou a bicicleta como forma de se deslocar. A viagem longa que realizou com a filha, quando esta tinha apenas nove meses, foi especialmente marcante, na ocasião viajaram de bicicleta pelo litoral de São Paulo. Essa experiência foi moldada também pelos incômodos e desafios da maternidade em trânsito, pois por um lado, precisava trabalhar

com arte de rua para se manter viajando, e por outro lado, lidava com o julgamento das pessoas que associavam o trabalho na rua à falta de cuidado com a filha.

O argumento dela era no sentido de evidenciar que tais situações aconteciam mesmo que sua filha estivesse sempre bem vestida, bem cuidada, bem alimentada. Além disso, as acusações morais de que usava a filha para conseguir dinheiro eram constantes. Essa associação da viagem com a maternidade trouxe um tema muito importante para essa discussão, que é uma especificidade do universo da viagem das mulheres. Pensar sobre estrada e maternidade, que parecem ser duas coisas incompatíveis no imaginário social, é um exercício complexo, podendo ser agravado se estivermos falando de mulheres artistas de rua.

Rosa contou que voltou para o Brasil em uma aventura um pouco perigosa, que incluiu grandes trechos deslocando-se a pé, uma vez que não havia possibilidade de sair de transporte de Santa Cruz de La Sierra. No meio do caminho, após *alejarse* da cidade, conseguiu “*umas caronas meio improváveis, tipo aqueles caminhões que carrega bois*”. Essa experiência pode até ter sido divertida, porém teve algumas partes ruins. Rosa disse que “*para chegar a ponto de vir a pé, caminhando era porque estava bem crítico lá [...]. A gente andava 10 – 20 km por dia*”. Para Gabi no retorno para casa, o trajeto também foi realizado a pé e de carona.

A escolha das formas de locomover-se é complexa, pois em muitos casos é uma imposição e não uma escolha. O ônibus e o avião fazem parte de uma rede de transporte internacional que conecta lugares longínquos, são meios de transportes principais utilizados nos deslocamentos internacionais e intranacionais, estes informam sobre pertencimentos de classe. A maioria das interlocutoras utilizou prioritariamente, assim como eu, do ônibus como meio de transporte. Devo dizer que viajo muito de ônibus. Há também a combinação da prática de carona e a utilização do ônibus. Isso também se relaciona com o país o qual está transitando. Países como Argentina, Colômbia e Uruguai são percebidos como mais seguros para pegar carona, enquanto Peru e Bolívia são percorridos mais utilizando o ônibus.

As diferentes maneiras de se deslocar dizem muito sobre o modo de viajar de uma pessoa. Mover-se a pé, de ônibus, de van, de caminhão, de bicicleta, são distintas e combinadas formas de experimentar os espaços. Há diversas possibilidades de deslocar-se na estrada, seja por trajetos curtos dentro de um país ou região, como nas viagens entre os países. Mover-se a pé, é uma atividade muito comum entre visitantes das cidades ou ainda de praticantes de trilhas, porém há circunstâncias em que o caminhar

pode adquirir outros significados e inventar novos caminhos. Um exemplo foi a trilha “alternativa” que realizei com Liz, 30 km a pé pelo trilho do trem, até Machu Picchu. A mexicana desembarcou em Quito de avião, porém construiu todo o trajeto de ônibus entre Equador, Colômbia e Peru.

Há outros meios de deslocamento espacial de baixo custo utilizado como a bicicleta e a caminhada, para longos e curtos trajetos, como por exemplo, o trem. Um dos mais famosos conectores entre Brasil e Bolívia é o “trem da morte”, considerado um “clássico” entre viajantes brasileiras. Foi utilizado como meio de transporte pela paranaense Jak, que combinou diferentes tipos de transportes durante o mochilão que fez na companhia da prima.

Os ônibus urbanos, táxis, mototáxis, trem, metrô, também fazem parte da rede de transporte que impulsiona as dinâmicas nas cidades e no entre-lugares. É importante dizer que a utilização desses meios de transportes pode ser combinada, formando uma rede na qual tudo que se move torna-se uma possibilidade para transitar entre fronteiras.

Habitar é criar: (re)inventando mundos

Viajar é aprender, me dizia Juana no dia seguinte após nosso encontro no hostel em Salta. Destacava que tem aprendizados que só o viajar te proporciona, e é uma educação para a vida toda. A viagem tem um papel pedagógico importante. Aprender a lidar com os problemas, os imprevistos, encontrar soluções, noção de câmbio, de geografia, etc. são uma espécie de aprendizados da estrada.

A estrada pode ser pensada como um espaço físico e cultural. Para caminhar por esse espaço, com disse Massey, é necessário compreender que não é como caminhar por uma superfície vazia: “você não está apenas viajando através do espaço ou cruzando-o, você o está modificando um pouco” (2008, p. 175). Não é um movimento apenas espacial é temporal. É antes de tudo mover-se por entre um espaço e criar significados no tempo. Viajar é produzir cultura.

Os lugares têm história. As pessoas e os lugares têm suas próprias trajetórias, transitar por esse imenso espaço que é “a estrada” ou “*la ruta*” é pisar no encontro de várias histórias. “Chegar a um novo lugar quer dizer associar-se, de alguma forma ligar-se à coleção de histórias entrelaçadas das quais aquele lugar é feito.” (Massey 2008, p.

176). Cada espaço tem seu próprio tempo. Os lugares possuem valores simbólicos, ainda segundo a autora, com narrativas que são disputadas.

O aprendizado na estrada acontece no decorrer do trajeto, assim, o que aconteceu com Rosa, Carol e Liz, pode ser pensado como observa Tim Ingold, que os viajantes, experimentam “a integração do conhecimento *ao longo* de um caminho de viagem”, dessa forma “o conhecimento que temos de nosso entorno é forjado no próprio curso de nosso deslocamento por ele, na passagem de um lugar para outro e na mudança de horizontes ao longo do caminho” (Ingold 2007).

Os meios de deslocamentos são escolhas, mas não deixam de serem moldadas por questões de classe e de raça. Ônibus, vans, carros e outros transportes peculiares fazem parte da vida vivida ao longo dos trajetos, que partem das rodoviárias, aeroportos, postos de combustíveis, etc. Ingold (2007) diz que as trajetórias originam as linhas, e que “a prática do transporte converte cada linha de movimento num equivalente de uma linha ponteada. Para o viajante, as paradas que ligam destinos sucessivos não são traços de movimento, mas conectores de ponto a ponto” (p. 79). Os pontos de parada como hostels, campings, mocós, assim como as rodoviárias, postos de combustíveis, são esses conectores que ligam uma cidade a outra. Um país a outro. Tornam-se lugares de negociações dos embarques, que levam os fluxos entre países/cidades/ruralidades.

As permanências são propiciadas pelos pousos em distintos espaços. Na dimensão do encontro, e nos campings, *mocós*, *alojamientos*, hostel, hospedagem solidária acontece um fluxo e uma fricção entre ideias, imagens e pessoas de diferentes lugares do mundo. Cada viajante traça um caminho, um percurso que produz encontros, partilhas e conhecimentos, pois, como considerou Ingold (2007, p. 79). “ir ao longo de, contudo, é tecer um caminho através do mundo mais do que dirigir-se de ponto a ponto através da superfície”.

Cruzar fronteiras físicas e culturais, multivocalidade das fronteiras,

Nesse percurso, as mulheres precisam dominar os códigos da estrada, cada viajante com suas particularidades e agências que revelam significados das posições da vida vivida e da vida em trânsito. Cada viagem tem um sentido, pois é inscrita em lugares e espaços com tramas próprias. As agências vão se desenvolvendo conforme cada contexto vai apresentando, definindo os limites e os acessos possíveis e a forma de inserção em cada espaço e lugar. O cruzamento entre tempo e espaço caracteriza uma experiência de viagem. O espaço-tempo torna cada experiência única, como disse Massey (2008). Então, existe algo de único em viajar pelo nosso continente de mochila,

em sentido histórico e contemporâneo, pois existem formas de viver e pensar – que não foram engolidas pela modernidade, ao contrário, são dinâmicas – que marcam nossa forma de organização social e determinam a maneira como experimentamos os lugares.

As identidades dessas viajantes se constroem entre fronteiras, ultrapassar essas fronteiras é encontrar autoconhecimento, nova percepções de mundo e de si, articular identidades, e assim, acrescentar camadas à subjetividade. Nessas novas articulações, descobri-se latina e confrontar línguas é ressignificar antigos mitos, como o de que assumimos o risco e perigo quando pegamos a estrada, e portanto se algum mal nos perseguir, somos culpadas por ultrapassar os limites dos lugares socialmente impostos. Esse movimento entre-fronteiras, como considerou Anzaldúa (1987), produz outra consciência que também se movimenta junto com essas mulheres fronteiriças, posicionando-as em outros lugares sociais que estão para além daqueles construídos pelo colonialismo e pela modernidade ocidental.

Referências bibliográficas

ALDANA, Santiago Esteban Laguna. **“Vivir viajando, viajar viviendo”**: Búsquedas y transformaciones personales de los “locos” viajeros en Latinoamérica. (Trabajo de grado). Universidad Nacional de Colombia. Facultad de Ciencias Humanas. Departamento de Antropología Bogotá. Colombia, 2018.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlans/La frontera**: The new mestiza. Capitán Swing: Madrid, 2016 [1987].

BEHAR, Ruth. **The Vulnerable Observer**: Anthropology that Breaks Your Heart Ruth Behar. Beacon Press, 1996

CORRÊA, Ester; BEMERGUY, Telma. Fronteiras contemporâneas e diferenças em movimento. **Revista Equatorial**, Natal, v. 7, n. 12, jan/jun 2020.

HANNERZ, Ulf. Being there... and there... and there!: Reflections on Multi-Site Ethnography. **Ethnography**, Stockholm, v. 4(2), n. 201, 2003

INGOLD, T. **Lines**: a brief history. London: Routledge, 2007.

MATOS, Marcela Belchior. **Processos de comunicação na rota de viajantes**: uma poética da mobilidade na América do Sul. (Tese de Doutorado). PUC. São Paulo, 2020.

MARCUS, George. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited. **Ethnography**. In: **Annual Review of Anthropology**, 24:95-117. 1995.

MONTAÑO, Isabel. *Los locos viajeros por Suramérica*. (Tesis de pregrado). Facultad de Comunicación y Lenguaje. Universidad Javeriana. Colombia. Bogotá, 2012.

MARTÍN-CABELLO, Antonio. El turismo «backpacker» en Chile como expresión de una subcultura juvenil global. **Cuadernos de Turismo**. N. 34, 2014. pp. 165-188

MASSEY, Doreen. “Um sentido global do lugar”. In: A.A.Arantes (org.) **O espaço da diferença**. Campinas: Papyrus, 2000.

MASSEY, D. B. **Space, place, and gender**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.

OYHANTÇABAL, Laura Mercedes. Viajeros y vínculos. El viaje como modo de vida. **Rev. Plural**. n 1. Vol. 1. P 73-102. 2018.

SILVA, Igor. **O mundo não é tão grande**: uma etnografia entre viajantes “independentes” de longa duração. (Tese de Doutorado). Programa de Pós- Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza: UFCE, 2015.

SILVA, Juliana Oliveira. **Entre swings, bolinhas e pernas de pau**: circulação e trocas entre malabaristas de rua. (Trabalho de Conclusão de Curso). Centro de Ciências humanas. Universidade Federal do Maranhão, São Luís: UFMA, 2015.